



Ano IV

Florianópolis, Maio de 1948

N. 3

A CAMPANHA DE EDUCAÇÃO DE ADULTOS EM SANTA CATARINA

Declarações à imprensa do governador Aderbal Ramos da Silva

O Governador de Santa Catarina, sr. Aderbal Ramos da Silva, falando à imprensa, na sua recente visita ao Distrito Federal, teve oportunidade de focalizar os vários aspectos do problema do ensino em seu Estado, mormente o setor de educação de adultos, onde, segundo afirmou, são das mais animadoras as perspectivas.

Referindo-se primeiramente ao movimento organizado no país pelo Ministério da Educação, visando procurar solução para um problema que, por sua complexidade e magnitude, adquire a mais alta relevância, o Governador Aderbal Ramos asseverou que tão benemérita iniciativa era merecedora do apoio de todos os brasileiros e, portanto, à mesma não faltaria a cooperação e incentivo da sua administração.

Frisando ser nas zonas industrial e mineira, onde mais se notava o entusiasmo pela campanha, havendo classes com aproveitamento quase integral, o chefe do executivo catarinense prosseguiu afirmando que ascende a 70% a média geral de frequência e aproveitamento dos cursos supletivos de ensino, o que, sem dúvida constitui um índice animador.

— "O meu governo — acrescentou ele — está preocupado em extirpar o analfabetismo em Santa Catarina, quer amparando o ensino primário, trabalho esse cujos frutos se farão sentir mais tarde, quer subvencionando a educação daqueles que, na época própria, se viram impossibilitados de frequentar os bancos escolares. Essa última tarefa, explica o entrevistado, de transcendental significação, promove, racionalmente, a recuperação dos elementos que contribuem para a grandeza econômica do Estado.

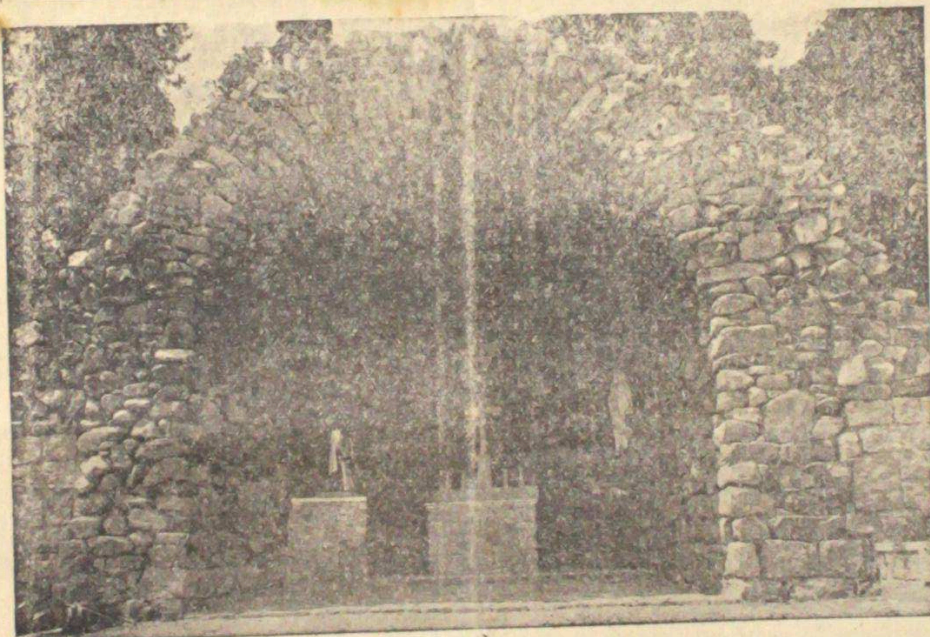
UMA VIDA

Ó triste espera desta morte lenta,
Chorando por chorar duma vida pura,
Baladas surgem, pensamentos voam,
Sonhos, deleites, de glória se consomem...

Ah! Neste coração de uma dor pungente,
Neste olhar pesaroso para a vida,
Definda qual verme em profundo abismo,
Uma alma sem gosto, no abandono...

Ch! sol pálido de abril, temeroso,
Ch! aves de outono, friorentas!
Ch! terras moles e úmidas da chuva,
Sois o reflexo, o espelho de uma alma...

L. Mendes, 11º cent.



RAINHA DO MAIO, SALVE, MARIA!

Nesta altura da palestra, o governador Aderbal Ramos ressaltava a contribuição do professorado e voluntariado, a cuja abnegação e patriotismo, se devem, em grande parte, os resultados auspiciosos da Campanha de Educação. Finalizando suas declarações, informou ainda ter um plano para levar até aos trabalhadores rurais os benefícios da alfabetização, isto porque, fatores peculiares à conformação geográfica da região, dificultam o trabalho de instalação de novos cursos, tão ansiosamente solicitados.

SANTA CATARINA NA GUERRA DOS FARRAPOS
1837 — 31 Outubro — Ataque na Vaccaria. O presidente de Santa Catarina, brigadeiro João Carlos Parda, em ofício de 27 de Novembro de 1837, comunica ao Governo que em 31 de Outubro, antecedente nova força comandada pelo Capitão Candido Pereira da Silva Alano destroçara na Vaccaria uma força de rebeldes composta de 130 homens, matando 30 a 40 e aprisionando 72, inclusive o capitão Lara, que os comandava, restituindo seu distrito ao governo legal.

SR. RAFAEL G. CRUZ LIMA

Em homenagem ao Sr. dr. Rafael G. Cruz Lima, pela passagem de seu 10º aniversário de Inspeção junto ao Colégio, reuniram-se no dia 8 do mês p. p., no Salão Nobre do Estabelecimento em sessão solene, todos os alunos do Colégio.

Ao iniciar esta importante sessão, cantaram os alunos em conjunto, o Hino Nacional e após este, o Sr. Diretor do Colégio, em breves palavras, enalteceu o vulto inconfundível do Sr. dr. Rafael, como Inspetor deste Estabelecimento de Ensino. A seguir em cumprimento ao programa, fez-se ouvir o aluno Urbano Salles, que proferiu um brilhante discurso em homenagem ao distinto aniversariante.

E dando prosseguimento ao programa a orquestra do Colégio, executou uma brilhante página de Wagner, "Marcha Nupcial". O aluno Mauro Fausto Gil apresentou a peça musical, dando uma curta explicação literária.

Terminado o número musical declamaram: Ronaldo Carneiro, a Poesia: "Velha Anedota" e Haroldo Bez Batti: "A preguiça". Numa belíssima demonstração de conjunto e harmonia cantou em coro o curso ginasial, o canon "Salve Ilustre Inspetor, que foi seguido pela declamação da poesia "Minha Mãe" pelo jovem Carlos Joaquim M. da Silva que recebeu prolongados aplausos pela sua brilhante apresentação. Além todos os declamadores, que receberam muitos aplausos, são membros do Clube de Oratória "Vieira" que funciona no internato sob a direção do Revmo. Padre Alvaro B. Braun.

A orquestra após esta poesia executa com raro brilho a "Canção de Solveg" de Grieg, uma peça lindíssima e que é classificada como uma das grandes obras da arte musical. O P. Marocco com sua nova orquestra colheu louvores irrestritos, bem merecidos.

Falando, então em nome dos alunos do curso colegial, do qual é o homenageado Inspetor, o senhor Roberto Schmidt proferiu um discurso agradecendo ao senhor Inspetor, a atenção e o cavalheirismo

(Conclue na 2ª. página)

Quem não sabe ler e escrever:

Não pode sentir nem admirar os grandes documentos escritos que atestam o progresso humano.

LIVROS NOVOS

CUPIDO NA INDIA

Do sr. José Warken.

Recebemos do autor a obra supra citada, escrita especialmente para jovens. Sim para jovens, pois o livro todo é uma lição de moral, onde se aprende aquele amor puro que reina entre José-Maria e Manuel-Júlia, que é fortalecido pelas circunstâncias; perigos, tristezas e angústias comuns e que unem cada vez mais os corações destes jovens e apertam ainda mais os laços de amizade existentes entre seus bons pais.

O livro dá-nos ainda uma idéia clara da resignação e esforço que os portugueses empenhavam na luta pela colonização de terras novas.

Os sofrimentos, as desgraças, enfim tudo que era incomodo, eles tomaram em seus ombros, abandonando sua terra natal para buscar outras terras.

E qual a recompensa? Quando não a morte, a desgraça, o sofrimento.

Foi a custo de suor e de sangue que se ergue assim a colônia de Goa (Pangim). A conversão de Djanira e Mahor, são fatos incontestáveis de quão fervorosos eram estes primeiros colonizadores, que depositavam todas as suas esperanças. Naquele que os guiava do Céu, Deus, e da Virgem Mãe de Cristo, N. S. dos Navegantes.

As aventuras e peripécias pelas quais passaram estes homens que iam desbravar as terras das Índias, são de real encantamento, que fascinam o jovem leitor, e ao mesmo tempo vale-se o autor destas aventuras para inserir conhecimentos geográficos, nos quais é o autor, sem favor algum, uma grande autoridade.

Enfim é um livro que além de constituir um deleite à seus leitores é uma obra de valor inestimável quanto aos seus ensinamentos. O livro é feito para jovens e conserva uma moral sempre elevada, muito acima daquelas dos chamados livros "para jovens" e que tanto se acham difundidos no meio rapazes incautos. Esperamos que o autor continue a produzir livros deste quilate, uma vez que já anunciou para breve, um outro intitulado "A Formosa Indiana" que será a continuação deste primeiro.

Aguardemos, pois, este novo trabalho.

SR. RAFAEL G. CRUZ LIMA

(Conclusão)

com que sempre atendeu os alunos deste curso e ao mesmo tempo faz ver ao ilustre homenageado de que sempre foi um grande amigo e companheiro dos alunos e que sempre estava e está a postos a defender os interesses dos mesmos.

Com viva emoção, usa então da palavra o sr. Rafael G. Cruz Lima, em que breve oração, mas com grande sinceridade, agradece a toda aquela homenagem, e aceitava-a como de amigo para amigo, pois que este colégio tanta recordação lhe traz de seus tempos de aluno neste mesmo estabelecimento, não via alunos nem professores, mas somente amigos e companheiros.

E encerrando a festa, que por certo permanecerá por muito tempo nos corações daqueles que estavam presentes, cantaram os alunos em vibrante voz, o Hino do Colégio Catarinense.

"O Colegial" associando-se também a estas singelas homenagens, envia ao sr. Inspetor, os seus votos de peregrina felicidade, por muitos anos.

Temporal em Itajaí



"Choveu quarenta dias e quarenta noites!" refere a Bíblia. — Meu Deus se chovesse tanto tempo da maneira como choveu em Itajaí na madrugada de 29 de fevereiro deste ano, garanto não ficaria mais bicho vivo em todo o fértil vale! Nunca se viu tão desastrosa inundação...

Eram duas horas da manhã. Fui acordado por um verdadeiro cataclismo d'água deslizando pelas janelas do meu quarto. Despertei de súbito, todo surpreendido: nunca em minha vida presenciara chuva torrencial assim. Espiei pela janela. Mas, vejo que as ruas já estão cheias de água e mais água! Sentime satisfeitosíssimo em meu abrigo e pensei com os meus botões: "Tomara que venha uma enchente do rio!" Passaram-se duas horas; a precipitação aquosa ao invés de amainar, tornava-se cada vez mais impetuosa e roncadora. As águas vinham subindo a olhos vistos. Já se vêm pessoas atarantadas caminhando nas águas lodosas das ruas... Olhe, estas já foram enxotadas de suas casas! Espetáculo inédito: uma enxurda amarelenta varria as ruas as ruas principais de Itajaí, indo lançar-se de roldão ao leito do rio. Graças sejam dadas à Providência por o rio achar baixo e deste modo permitir a enchente um escoamento fácil!

Mas como foi possível uma enchente, si não proveio do rio mesmo?

Conjecturavam alguns que na parte norte o leito fluvial fôra acrescido repentinamente. Nada



Fez 50 anos de vida o Diretor do "O Marianô", P. P. Werner Soell.

Ao brilhante colega os parabéns do "O Colegial".

disto! A causa foi uma única e prolongada chuva torrencial. Quando a água já se ia escoando das principais artérias da cidade lá pelas duas horas da tarde, foi que chegaram as primeiras notícias sobre os estragos causados por esta inundação catastrófica. Pontes arrebatadas, aterros demolidos, estradas cobertas de enchuro e intransitáveis, lavouras assoladas; pobres camponeses perderam tudo o que possuíam de móveis, porcos, gados e estrocharias... Era só observar, ver e escutar os lamentos! O total dos prejuízos foram avaliados em cinco milhões de cruzeiros. Ao todo seis municípios viam-se reduzidos à condições econômicas lamentáveis!

Ainda hoje fico impressionado ao pensar naquela memorável madrugada. Parece mesmo que Aquê-le que existe acima de nós, não brinca quando quer mostrar o seu poder.

Lio Cesar Macedo

DIVAGAÇÕES

Não sei se é o vento que lá fora sopra frio ou, então, o café que acabo de tomar (oferecido por um dos presentes), que me faz deixar as manifestações dos múltiplos objetos que se me deparam, de lado, e atirar-me ao mundo de fantasias em maquiavélicas divagações.

Confesso que no momento estou pescando siris num lago perto da lua.

Apesar de não ter uma isca das menores, contento-me com minhocas amarelas e irrequetas. Por infelicidade minha surgiu a tona d'água um camarão que espantou lamentavelmente um siris que, por certo, daria para matar a fome no jantar. Rogo-lhe uma praga e eis da um colossal mergulho, cabalgando sorrisos que me fazem mexer os nervos. Está calor. Tiro a camisa, os sapatos e refresco os pés, sentindo um arrepio no corpo (a água, não sei porque, está geladíssima). Lembro-me, incontinenti, de uma cerveja gelada (qualquer marca serve) e saio à procura de um "buteco". Vou andando e vejo passos atrás de mim. Lanço o olhar com um medo, e eis a figura esbelta de uma mulher. Cabelos compridos até a cintura, traços fisionômicos incomparáveis, sorriso aniquilador, olhar suplicante e duvidoso, enfim, uma perfeição feminina. Pergunto estupefato, o que é que há... Não me responde. Será muda? Que pena se o fôsse!! Falta-me coragem para dizer-lhe algo. Suplico a um urubú que passa voando que me dê um estímulo para enrentar a situação, mas, talvez, por ser surdo, nem sequer me fitou. Pego um cigarro e fumo até o fim de melhorar, mas, em

O COLEGIAL

Órgão dos alunos do Colégio Catarinense

Sob a responsabilidade da Diretoria do Estabelecimento.

Diretor:
CID GOMESGerente:
ALFREDO ZIMMER

Redação: Colégio Catarinense

COMO DECIFRAR E FAZER CHARADAS OU CHARADEAR

Para decifrarmos a charada casual procuramos um sinônimo de uma das "pedras", cuja terminação seja o ou a depois, mudando-se a terminação em a ou o teremos a solução da outra pedra. Deve-se notar o número que indica a quantidade de sílabas das soluções.

Ex. 2 — Esta ave tem um pé de animal. Solução: Ave = pato mudando o em a fica pata = pé de animal.

Para fazermos a charada casual é necessário acharmos o sinônimo ou palavras equivalentes de uma palavra. Exemplo: Pata = pé de animal, pata também é o feminino de uma ave = pato.

Acharemos uma palavra equivalente a pato, que será ave, e com duas palavras: Pé de animal e ave formaremos então um frase.

Exemplo. Esta ave tem um pé animal; e pondo o número de sílabas da solução antes do enigma teremos a charada casual ou dupla.

Gratos por qualquer contribuição dos inteligentes leitores.

Armando Luiz Gonzaga

1	3	
		1—Fileiras
		2—Unidade monetária italiana
		3—Celebridade
		4—Zombareas
		5—Em vernacula
		6—Parte do corpo humano
		7—Produto animal

O enigma estará certo se na 1ª e 3ª coluna vertical aparecer o nome dos dois padres do nosso colégio.

vão, o momento é crítico. Que fazer? Ah! Já me surgiu uma idéia. Vou sair correndo a toda a seu encontro. Fecho os olhos e me vou. Quando estou bem pertinho, ela desaparece misteriosamente. Vejo-me em prantos, sem lenço para enxugar as lágrimas. Murmuro algumas palavras e tiro uma conclusão de que por ali existe algum mágico. Que bom se eu o encontrasse... Iríamos farrear a bessa. Nada como um companheiro quando se está na solidão. Sinto cócegas no pé direito. Curvo-me e percebo que é um bicho. Vou analisá-lo; gafanhoto não é peixe, também nem rato. Ah! descobri!!! É um franguinho. Dou-lha um beliscão no pescoço e frito-o. Jantei como nunca. Deito-me e adormeço, graças a um sabão que cantava. Agradeço-me e predestino novas aventuras no próximo mês.

Astronômico

“ESCOLHI A LIBERDADE”

Aproveitando a oportunidade, oferecida pelo Revmo. Padre Braun, de falar nesta primeira reunião do Clube Pan-Americano, resolvi tratar um assunto que talvez a algum de vós seja já bastante conhecido. Sei porém, que não é a outros. Quem de vós já teve oportunidade de ler o livro “Escolhi a Liberdade” da autoria de um funcionário soviético, no qual relata a sua vida particular e política? Chama-se ele Vitor Kravchenko.

Percorrendo o livro o leitor ficará conhecendo o comunismo, tal qual é na verdade desmascarado por um antigo comunista. Vejamos quem é o autor e o que escreve em seu livro.

Nasceu ele em princípios d’este século. Sua terra natal é a Ucrânia, que naquele tempo já estava sendo esmagada pelo tacão russo. A infância do jovem Vitor não foi das melhores. Já no ano de seu nascimento uma revolução rebenta em sua cidade natal em que o pai era um dos rebeldes.

Eis como ele nos conta o seu tempo de criança.

“Vejo-me detraz de barricadas formadas de carroças viradas, móveis empilhados, dormentes de estrada de ferro, em torno de mim companheiros caem, gemendo e a fúria dos cossacos desencadeia-se sobre nós. A minha volta cadáveres grotescamente estirados, em poças de sangue que se espalham lentamente sobre a neve”. Que infância caros colegas! Comparemola com a nossa e veremos que diferença! Vitor nunca teve um carinho de seu pai pois nos primeiros nove anos raras vezes o via. Tinha que fugir de um lugar para outro, para não ser preso e enforcado ou deportado para a Sibéria.

Em 1917 rebenta na Rússia revolução que tão sérias consequências haveria de trazer para ela e para o mundo inteiro.

A revolução iniciada em Petrogrado, estende-se a toda a Rússia. Lenin e Trotski tomaram as rédeas do governo. Os czares são destronados e assassinados bem como toda a sua descendência. Já começava então o comunismo sua obra funesta.

Tudo o que é inimigo do partido deverá ser automaticamente eliminado. O povo a princípio via com bons olhos o movimento revolucionário. Pensava que teria mais liberdade e melhor modo de vida. Enganou-se porém profundamente. Desvalorizou-se a moeda, os produtos desapareceram do mercado. Ouvia-se em toda a parte a expressão: FOME E FRIO. Pobre Rússia já começava a sentir os efeitos da doutrina diabólica que é o comunismo. O avô do autor do livro assim definia a revolução: “Criaturas matando, roubando, torturando os ‘nossos’ pela fome e frio. Chamo a isto assassinato, crime e não revolução”. Estranharão vocês que o avô dissesse os “nossos”.

É que a família do jovem não era comunista e nunca o foi com expressão de Vitor, pois é preciso ter bem claro que nem todo o russo é comunista. Pelo contrário, muitos russos odeiam o comunismo e se estão calados é porque as circunstâncias e a polícia não o permitem de reclamar contra aquelas injustiças. Fa-la-o as vezes como em nosso caso, era porém arriscadíssimo devido a polícia secreta. Terminada a revolução, as grandes propriedades foram repartidas entre os camponeses que nelas tinham trabalhado. Os Kravchenko pertenciam a estas famílias e o jovem Vitor até a idade de 17 anos viveu numa pequena trabalhadora no campo. A situação se agravava de dia a dia. Embora trabalhando no campo era difícil obter os gêneros de primeira necessidade, e o comércio era feito

por trocas. Era preciso ir procurar em qualquer lugar. Vitor, não no ardor da mocidade, de querer sempre aventuras, ia à estação da estrada de ferro e subia as provisões dos soldados que iam para as linhas de frente.

No verão de 1921 a fome “grasava” assustadoramente e com ela o frio. Num país essencialmente agrícola, passando fome. Obra negra do comunismo. Vejamos como o autor a descreve. Cavalos, cães, gatos, eram perseguidos por olhares de desespero faminto. Comia-se a casca das árvores, mastigava-se o couro cru para enganar o estômago. Famílias desesperadas chegavam a devorar os seus próprios mortos. Inacreditável: o homem rebaixado a animal, obrigado a alimentar-se de seus semelhantes para não perecer também. E isto acontecia na Rússia: o país soviético. É de notar que isto se passava entre os pobres enquanto que em Petrogrado e Moscou os líderes viviam de banquetes.

O jovem Vitor vai trabalhar em uma mina e aí, resolve entrar para a juventude comunista, para ser bem visto pelos seus superiores. Mais tarde é integrado às forças armadas, vai até a Persia, onde em um combate é ferido. Nesta excursão ele viu então que a miséria era geral em todo o território dominado pelos vermelhos.

Voltando para a sua terra natal começa a trabalhar numa fábrica de aço. Em fins da segunda década já a G. P. U. (polícia secreta) estava em pleno funcionamento, e podia prender a quem quer que fosse, por simples suspeita.

Isto se verificava em todos os institutos, escolas, organização industrial, fábricas em todas as repartições oficiais, soviéticas, onde havia um departamento do G. P. U. “Cada palavra e cada ato eram rigorosamente registrados. As fichas individuais dos casos. Pessoas continham dados sobre a vida privada do estudante, do professor, do operário, do funcionário; continham ainda, acima de tudo, informações, e denúncias trazidas por agentes secretos, espalhados em toda a parte. E, no bem, esse modo de agir era simplesmente chamado de “Democracia do Partido”.

Em 1929, nosso autor, é admitido no partido. Eis como descreve o seu passo: “Tornava-me um dos da elite da nova Rússia.

Eu não era mais um indivíduo com liberdade de escolher amigos e interesses, opiniões. Andar em companhias politicamente indesejáveis, ouvir teorias erradas era coisa inadmissível debravante”. Sendo um dos da elite Kravchenko começa a sua ascensão política. Em 1921 o governo o matricula numa escola de engenharia aviação em Kharkov. Vejamos bem a situação “o matriculo”. Em desda a sua entrada no partido ele não era mais dono de si. Foi-lhe oferecida a matrícula mas se a tivesse recusado, certamente teria sido eliminado como inimigo do Partido. Para provar isto, basta dizer que pouco depois sem aviso prévio foi forçado a ingressar num instituto de metalurgia primeiro em Leningrado, mais tarde em sua terra natal.

Foi por esta época que começou o extermínio dos não comunistas, ou como eles diziam, os capitalistas. Diz nosso autor que “intermináveis vagões de gado repletos de camponeses passavam constantemente por Kharkov com destino às estepes do norte, como parte de programa de liquidação em massa.

Em 1931 Stalin pronunciou um discurso que revolucionou a indústria soviética. O sistema de trabalho por peça invadiu a indústria soviética, mesmo onde este

método era absurdo ou impraticável. Em certos pontos os trabalhadores eram tratados como animais”. Eram amontoados em casebres de madeira, levantados as pressas com tetos vendidos, paredes e assoalhados húmidos. Uma das manchas que para sempre permanecera na Rússia para a vergonha do comunismo foi a obra de coletivização, isto é “destituição do último e decrépito resquício do capitalismo rural”. Para isto em cada aldeia iam os agentes do governo, e tinham como missão também de conseguir o trigo onde quer que estivesse escondido. A questão está em que todo o trigo devia ser entregue ao governo este determinava quanto cada agricultor podia ficar para o sustento de sua família. A maioria das vezes os agentes do governo agiam com crueldade. Vejamos um exemplo dentre muitos.

Em uma aldeia morava uma família: Marido, mulher e filho. Eram felizes, gente boa, muito trabalhadora. Nada tinham de Kulaks (capitalistas). Possuíam além de sua terra 2 cavalos, uma vaca, um porco e diversas galinhas. Por mais que os comunistas insistissem não quiseram aderir ao sistema coletivo. Levaram-lhe todo o trigo restante. O homem não cedia. — É minha a terra, meus animais, minha casa, não vou vendê-los ao governo: dizia. Mais tarde vieram os agentes, levaram-lhe tudo o que possuía inclusive até a última panela.

O homem foi preso, sua mulher e seu filho começaram a chorar e como o homem se recusasse a partir, bateram-lhe até deixá-lo sangrando, e arrastaram-no à força pela lama até a delegacia da aldeia. Ante os desesperos da mulher, uma guarda deu-lhe um empurrão enquanto arrastavam o marido para um vagão de gado. Onde só Deus o sabe. No dia seguinte encontraram a mulher enforcada. Estava arruinada a família. Isto nos revolta principalmente se pensarmos que nesta terra de liberdade, em nosso amado Brasil, há filhos dela, que se dizem comunistas e que portanto estão de acordo com o que lá se pratica. Em 1933 tendo o governo roubado todo o trigo sobreviveu uma nova fome geral, mais terrível que as outras. “Eram criaturas acusadas e abandonadas a morte por inanição, por culpa de uma deliberação política tomada a volta de uma mesa de conferência ou de banquetes em uma capital longínqua. Por toda a parte encontrávamos homens e mulheres deitados de bruços, o rosto e o ventre entumecidos, os olhos esgazeados.”

Omitimos de falar mais detalhadamente sobre os expurgos para não sermos longos demais. Damos apenas uma idéia. Consistia ele em interrogatório público, baseado em denúncias escritas contra o acusado, pelo qual os comunistas suspeitos eram julgados. Os que se saíam bem continuavam em seus postos, os outros eram presos, desterrados ou se ficassem vivos seriam executados, por seus companheiros sentindo-se intimamente como prescritos e párias. O suicídio não era raro em casos desta espécie. Atingiam esses expurgos até os filhos do país. Basta dizer que nenhum comunista que subia ao poder junto com Stalin, se encontra atualmente vivo.

Si houver algum vivo, estará enterrado nas estepes geladas da Sibéria, nos campos de concentração. É porém preciso que tenhamos clareza em um ponto. Não pensemos que o povo russo, o povo não comunista estivesse de acordo com os execráveis expurgos. Que dizer dos estrangeiros que visitassem a Rússia, para qualquer fim. Para os russos de todas as classes eles

constituíam um objeto de admiração e de temor. Era perigoso estabelecer contacto com “os inimigos da classe”.

Bem vestidos, sem qualquer inibição nas palavras, ou nos atos, eles nos pareciam criaturas de outro planeta. Falavam e criticavam qualquer assunto como se não existissem a polícia secreta, a espionagem. Eram rigorosamente fiscalizados e os seus atos marcados a toda a hora.

Omitindo ainda assuntos bem interessantes, mas que seria longo enumerar-los, como por exemplo o capítulo sobre os campos de concentração, falaremos um pouco sobre a aliança de Stalin com Hitler. Foi um pacto bem interessante. Os comunistas inimigos mortais dos nazistas assinam um pacto de não agressão. Essa amizade foi tão grande por parte da Rússia, que qualquer propaganda nazista desapareceu em toda a Rússia. Os nazistas nunca o levaram a sério tal pacto, ao contrário fizeram com interesse pois já tinham em mente uma guerra russo-alemã, e durante o tempo em que perdurou a amizade os alemães retiraram da Rússia tudo o que lhe era necessário para mais tarde empregar contra a própria Rússia. Em 22-6-1941 a Alemanha começa a invasão da Rússia. Preparada para uma guerra agressiva, viu-se ante uma guerra defensiva e completamente sem preparo. Em pouco tempo os Alemães chegam as portas de Moscou. Então Stalin, eterno inimigo dos capitalistas americanos e ingleses aceita com bom olhos o socorro por eles enviado, e certamente se não fossem os americanos nunca a Rússia teria chegado a expulsar o nazista de seu solo. Em 1943 Kravchenko é escolhido dentre uma comissão de Compras para ir aos Estados Unidos. Victor chega aos E. U. fica deslumbrado ante a magnificência daquela terra, ante a liberdade de seu povo. Seu maior espanto foi quando leu um jornal viu que criticava o presidente Roosevelt em palavras ásperas. Resolveu dar um passo perigosíssimo mas que lhe traria a verdadeira liberdade. Rompeu com o comunismo e resolveu escrever as verdades sobre a situação do seu pobre povo oprimido. Após a sua ruptura esteve constantemente vigiado por desconhecidos, que se pudessem agarrá-lo teriam certamente feito voltar para a Rússia onde seria fuzilado.

Graças a gentileza de amigos seus americanos porém nada lhe aconteceu e hoje vive feliz nos Estados Unidos a sua nova pátria. Portanto o que acabamos de ouvir, é um leve esboço do que se passa e o que se passou na Rússia dominada pelos comunistas que como diz o autor em nada ficamos atrás dos nazistas. Esperamos que este livro abra consciência de muitos brasileiros iludidos por Prestes, que chegou ao cúmulo de afirmar em pleno senado que se o Brasil entrasse em guerra com a Rússia ele estaria a favor da segunda.

Ah! meu caro Prestes. Porque não d’assestes isso na Rússia se fosses russo?

A esta hora não terias ocupado por mais de dois anos o cargo de senador mas terias aparecido em um campo de concentração na Sibéria se não tivesses sido fuzilado. Peçamos a Deus que nos livre da doutrina diabólica do comunismo, para não sermos vítimas como as de Kravchenko descreve em suas obras.

Peçamos a Deus, que do modo como permita que nossa terra, a (que Santa Cruz), terra de Santa Cruz, que nunca suportou o mesmo nas garras da ferra vermelha.

Celestino Sachet

8ª Série A

Na Exuberante Natureza Catarinense

(Excursão das Congregações marianas do INTERNATO às Águas minerais de Santa Catarina).

O sucesso depende muitas vezes das ocasiões oportunamente aproveitadas. Diz-se então que foi por acaso. E nossa excursão também foi por acaso. Pois vendo entrar pelo portão do Ginásio um possante caminhão, óleo cru, pensei comigo". Esse daria para levar a minha congregação a alguma excursão".

Pensando muito... cuidado! Não pensei muito, mas fui logo a meter-me a conversar com o condutor, que não era outro senão o sr. Jacó Villain, operoso proprietário da águas de Santa Catarina, ao pé do monte Cambirela.

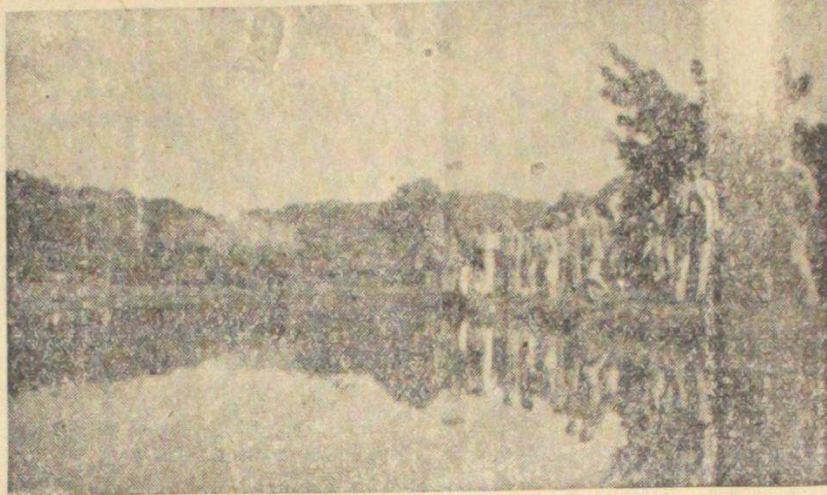
"Não há dúvida, disse-me com a sua proverbial amabilidade, — quando quiser ir, estão os dois caminhões à disposição..."

Passaram-se meses. Vieram os alunos. Reuniões das congregações. E quando a primeira excursão mariana?

Foram preenchidas todas as exigências: licença de celebrar na gruta, licença de ir todo o internato, licença policial de internato, licença de ir em caminhões abertos, licença de levar o P. Marocco, gaiteiro e diretor do canto... e na radiosa manhã de 18 de Abril os três possantes caminhões roncavam pela estrada geral, rumo Monte Cambirela.

Era tão bela a manhã que os alu-

tes, e os picos coroados de mata virgem... e tudo coberto por um céu, malhado de nuvens brancas a refletirem o sol matinal de Abril, ainda quente.



Os alegres cantos atraíram a atenção geral do povo... e até do minúsculo Leônidas, que ainda em jejum, se empoleirou, lá na Palhoça, num dos caminhões, com saudade dos tempos do Internato.

Eis-nos chegados. Na vasta planície avulta a bela gruta, ao sopé do gigantesco Cambirela, cercada de densas matarias.

Silêncio... orações... cantos

Missa. Uma vetusta estátua de Nossa Senhora, patrimônio sagrado da Família Vilain, trazido faz 102 anos de Tours, da França, abençoava a todos os presentes, espe-



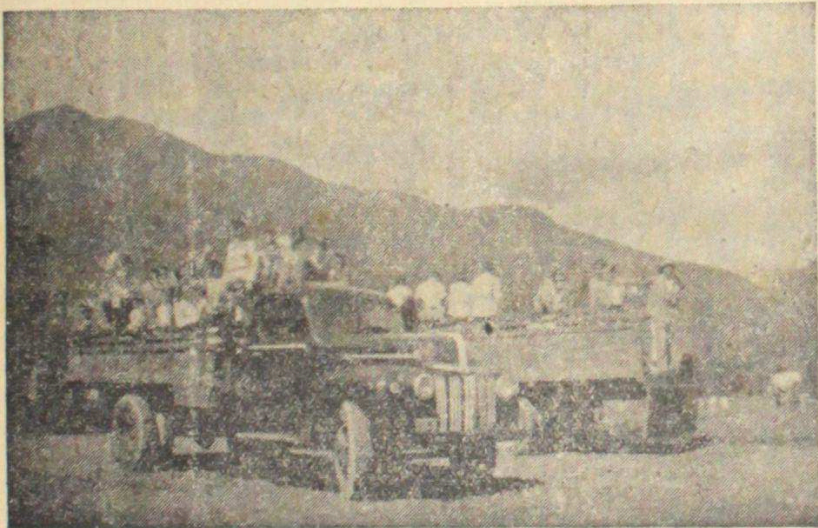
cialmente à família Jacó Villain, nosso generoso hospedeiro.

Acabada a santa cerimônia, os sons da gaita e as vozes argentinas dos jovens aí reunidos divertiram a todos os presentes, com cantos religiosos e profanos. Mas não demorou, que a fome, bateendo, reuniu a todos à sombra hospitaleira dos bambuais... Esperava-nos um

Os que haviam provado a água morna da fonte, bebiam agora a água fresca, dosada de gas.

Foi um fartão. Sobrou de tudo. Como o nosso amigo Jacó Villain foi generoso!!! E isso diziam as vozes do canon, cantado por quatro coros: Bom amigo — Bom amigo Villain — Villain — Seja mui feliz — Seja mui feliz — Longos anos — Longos anos...

Mais uns cantos e mais umas chapas batidas... e com a dor n'alma e a gratidão no coração retornamos os nossos caminhões rumo ao Colégio Catarinense. E voltando, sentado junto ao motorista, refletia eu no muito que o Sr. Jacó Villain fez nas Caldas de Santa Catarina. Aquêle enorme pasto, limpo e bem drenado... as plantações feitas com os conhecimentos de agricultura, as matas deveçadas para a reserva florestal, a fonte captada com tanto cuidado, a belíssima gruta com o altar, o ajardinamento, a fábrica com as instalações mais modernas prontas a serem montadas... Ah! deveríamos ter uns 100, uns mil desses homens na baixada catarinense, para transformar com o trabalho consciencioso, patriótico e cristão, o brejo em jardim, valorizando a terra para o bem da Pátria e o bem das almas imortais. E os pobres, os malarientos da redondeza hão de abençoá-lo com as suas orações pelo incansável cuidado que tem



nos, em vez de se sentarem nas cadeiras e bancos, punham-se em pé neles, afim de apreciar o tão lindo panorama do nosso litoral. A vasta e sempre verde planície, o imenso mar, as ilhotas verdejan-

religiosos e devoto recolhimento. Alunos, famílias e povo. Num belo altar, todo engalanado de viçosas flores, um sacerdote celebrava, no meio da mais vicejante natureza tropical, o augusto sacrifício da



saboroso café, com sanduiches, com bananas, com laranjas, com água de Santa Catarina, tudo preparado pelas caridosas mãos da bondosíssima senhora Villain e suas auxiliares.

em lhes mitigar os ardores das febres... Deus lh'o pague! Deus lh'o pague! também é a prece do nosso agradecimento!

P. A. B. B.

A PRINCESA ISABEL

D. Isabel, condessa d'Eu, princesa regente, era a terceira filha de D. Pedro II como a imperatriz D. Teresa Cristina. Nasceu no Rio de Janeiro, a 23 de Julho de 1846. Casou-se a 13 de outubro de 1864, com o príncipe Gastão de Orléans conde d'Eu, e faleceu em 1921, aos 75 anos de idade.

Tendo falecido os seus dois irmãos mais velhos, a princesa Isabel prestou juramento por ser herdeira da coroa, isto se deu a 29 de Julho de 1860, quando completou 14 anos de idade. Por três vezes a princesa Isabel governou em lugar de D. Pedro que se ausentara do território nacional. Nessas ocasiões ela tomou o título de princesa regente. A primeira viagem de D. Pedro à Europa foi em 1871, a segunda ao Estados Unidos, à Europa e à Ásia em 1871, e a terceira à Europa, em 1887. A princesa fez importantes reformas políticas e sociais durante as regências. Na primeira e na terceira, assinou leis de grande importância. Na primeira, em 28 de setembro de 1871, promulgou "A LEI DO VENTRE LIVRE" de autoria do Visconde do Rio Branco; Na terceira assinou a "LEI AUREA" lei de ouro, autoria do ministro João Alfredo, libertando todos os escravos existentes no Brasil. Isto se deu no dia 13 de Maio de 1888. Devido a este fato D. Isabel recebeu o apelido de "PRINCESA REDENTORA". Ao imperador, que se achava doente em Paris, a princesa transmitiu por telefonia, a notícia da libertação dos

escravos. Como ele estivesse passando mal não lhe quiseram mostrar essa comunicação com receio de que produzisse um abalo nervoso. D. Pedro entretanto, ao saber da chegada do telegrama exigiu que lhe dessem conhecimento do assunto, e depois de inteirado no assunto, e com os olhos rasos d'água disse com entusiasmo: "Grande povo". Foram muitos os brasileiros que trabalham para a libertação dos escravos. Euzébio de Queiroz foi o autor da lei que proibia a entrada de escravos no Brasil em 150; O visconde do Rio Branco de quem já falamos o autor do "Ventre Livre" em 28 de setembro de 1871; o Barão de Cotegipe autor da lei dos sexagenários isto é, lei que libertava os escravos maiores de 60 anos, lei esta de 28 de setembro de 1885.

Além destes, foram grandes propagandistas da libertação dos escravos o conselheiro João Alfredo, Rui Barbosa, José do Patrocínio, Joaquim Nabuco e muitos outros. A escravidão no Brasil, era uma noção imperdoável, que tanto o envergonhava; e esta noção foi sanada, graças a grande princesa redentora a princesa "ISABEL".

Salve 13 de Maio.

Amilton Zimier
3ª Série C.



E' fácil e rápida a aprendizagem da leitura!
Indique aos analfabetos, que conheça, uma das classes de ensino supletivo.